HILÁRIO PETROLI

CARTAS DE OUTUBRO



Editado por:
Editora Alphagrafics

Petroli, Hilário

CARTAS DE OUTUBRO / Hilário Petroli.
- - São Paulo -SP : . Alphagrafics, 2014. 273 p.

1.Literatura – Prosa. 2 Literatura Brasileira -Prosa. 1. Título.

Agradecimentos:

Prof. Celso Eli Ogliari
Dr. Aldo Gonçalves Silveira (Veterinário)
Dr. Pedro Arno Eckert (Advogado)
Sra. Lourdes Antonieta Théo Brizot (Tabeliã)

...e a minha esposa, Gêma, pela compreensão e apoio

Nota do Autor

O enredo que compõe a presente obra foi composto no início da década de 1980. Várias tentativas de publicação foram feitas, sem êxito. À época, algumas editoras de grande porte as quais omito de citar por razões pessoais, receberam o original deste livro, mas devolveram-no; elogiaram o conteúdo do mesmo, mas não houve interesse para publicação da obra.

Nessa época a mídia divulgava pesquisas e avanços na área da fertilização humana, com a fecundação *in vitro*: Louise Brown foi o primeiro bebê de proveta, nasceu em 1978, na Inglaterra. E no Brasil o primeiro caso foi registrado em 1984. Ana Paula Bettencourt Caldeira nasceu em São José dos Pinhais-PR. Isso motivou a inclusão do tema no enredo.

Somente mais de trinta anos depois, apresentaram-se as condições para a edição que ora trazemos a público. Portanto, cabe ressaltar que ao ler esta obra, deve-se focar o olhar um pouco para o passado, para melhor captar sua mensagem. O teor desta obra foi revisado, porém, o linha dorsal que ele possuía ao ser escrito, foi mantida, pois que do contrário descaracterizaria seu conteúdo.

Quanto à menção do Código Civil de Leis, vale lembrar que o código que estava em vigor na época era o de 1916. E lembrar, ainda, que houve um projeto de alteração em 1983, o qual foi relegado, e que somente em 2002 foi retomado e aprovado em uma reforma feita às pressas.

Mas, apesar dos esforços, o Código não contemplou várias questões relevantes, dado a velocidade dos avanços em pesquisas, e das transformações sociais que exigem do mesmo uma atualização mais contundente e racional.



O Autor

"Eu sou eu, claro, mas se falo por e para mim então não sou coisa alguma. Seria como os sinos de vento, cujos sons mudam de tom segundo a aragem."

MORRIS WEST - As Sandálias do Pescador

I

Naquela tarde mormacenta, ao entrar na sala, encontrei meu colega lendo em voz alta, assim como costumeiramente fazia.

"(...) Se não estivéssemos convencidos de que nosso rosto expressa nosso eu, se não tivéssemos a ilusão primeira e fundamental, não teríamos podido continuar a viver, ou pelo menos levar a vida a sério. E não seria ainda suficiente nos identificarmos com nós mesmos, precisaríamos de uma identificação apaixonada com a vida e com a morte. Pois é graças a essa única condição que não aparecemos a nossos próprios olhos como uma simples variante do protótipo humano, mas como seres dotados de uma essência própria e intransferível."

Não falei nada. Fui até meu quarto. Deitei-me na cama. Tentei relaxar um pouco, mas lembrei-me que tinha algumas tarefas para fazer. Então me levantei e retornei à sala. Ricardo continuava lendo.

- O que estás a ler?

- Milan Kundera. A Imortalidade. Escuta só:

"(...) Em todo lugar está um fotógrafo. Um fotógrafo atrás de um arbusto. Um fotógrafo disfarçado em mendigo aleijado. Em todo lugar existe um olho. Em todo lugar existe uma objetiva."

- Escuta mais:

"(...) Aparentemente, o aparelho fotográfico só se interessa por pessoas célebres, mas basta que um avião se espatife perto de você, que saiam chamas de sua camisa, para que você se torne célebre e incluído na orgia geral que nada tem a ver com o prazer, mas anuncia que ninguém pode se esconder em lugar nenhum e que cada um está à mercê de todos."

- Ah! Ouça mais esta passagem:

"(...) Diante da imortalidade as pessoas não são iguais. É preciso distinguir a pequena imortalidade, recordação de um homem no espírito daqueles que o conheceram, e a grande

imortalidade, recordação de um homem no espírito daqueles que não o conheceram. Existem carreiras que, por princípio confrontam um homem com a grande imortalidade, incerta, é verdade, até improvável, mas incontestavelmente possível: são as carreiras de artista e de homem de Estado".

Ricardo continuou lendo um trecho que descrevia comparativamente cenas dos presidentes franceses François Mitterrand e Valéry Giscard d'Estaing. Na busca incessante pela imortalidade, no início do seu governo, d'Estaing preferira tomar café com os garis para mostrar que era um deles, enquanto Mitterrand, sob o dilúvio da Nona de Beethoven, longe dos olhos do público que apinhava a Praça do Pantheon, acompanhado apenas por uma câmera, uma equipe de cineastas (e alguns milhões de telespectadores) colocara flores em três túmulos de soldados desconhecidos no Templo da Glória. Por fim, leu em voz bem compassada:

"(...) Mitterrand queria parecer com os mortos, o que demonstra uma sabedoria maior, pois a morte e a imortalidade formam uma dupla inseparável, aquele cujo rosto se confunde com os mortos é um imortal vivo".

Ricardo ergueu momentaneamente a cabeça para comentar:

- Em sua **sapientia**[1]**,** o homem constitui-se artífice primeiro da sua própria imortalidade e, por conseguinte, seu próprio **arbiter elegantiarum**[2]**.** - E mergulhou novamente na leitura.

- Queres dar-me um minuto de atenção? Onde está Rafael?

Ele não me respondeu. Mas eu insisti:

- Onde se meteu Rafael?

Ricardo soergueu a cabeça, e por baixo do sobrolho, respondeu-me secamente:

- Saiu.

- Para aonde?

- Foi ao **Golf's**[3]**.**

- Golf's?! Hum! Estranho!... Golf's! Sabe... Meu professor...

- O quê? - perguntou-me, sem tirar os olhos do livro.

- Falou-me que é preciso colocar batata quente na boca para pronunciar essas coisas.

---

[1]Sapientia: do Latim: sabedoria.
[2]Arbiter elegantiarum: do Latim: árbitro das elegâncias.
[3]Golf"s: do Inglês: Clube de golfe.

- Nem tanto - respondeu-me laconicamente. E depois, como que numa insinuação, exclamou: - É a **dollar lenguage**[4]**.**

Voltou-se e continuou a ler em voz alta. Agora, uma passagem que falava do presidente Jimmy Carter, que, certo dia, escoltado por um batalhão de colaboradores, treinadores e seguranças, ao praticar jogging, coisa que deveria fornecer-lhe a ocasião de mostrar sua eterna juventude ao povo, o suor inundou-lhe a testa, e as câmeras tiveram que mostrar a imortalidade risível de um homem envelhecido e azarento.

.- Quer parar com essa leitura? - perguntei-lhe enervadamente. E continuei: - Você parece um papagaio em noite de aleluia!

Ele deu de ombros, sem se importar com a minha admoestação. No mesmo instante a campainha da casa soou.

Atendi primeiro a porta. Ricardo aproximou-se também.

- É para o senhor Ricardo - falou o carteiro, dando alguns passos para frente e entregando-lhe um telegrama e uma carta.

[4]Dollar lenguage: Referência feita ao Inglês massificante.

-De quem é? - perguntei-lhe, assim que o carteiro afastou-se, esticando o olhar para ver, não o nome do remetente, mas sim o selo que portava.

Em seguida, ele abriu a carta, passou-me o envelope, e constatei o que eu queria: um belíssimo selo. Retirei-o discretamente, enquanto ele lia o telegrama:

Caríssimo:

Chegarei amanhã. Vinte e uma. Voo 101 - Alitalia: Aguardar aeroporto.

Abraços saudosos!

Ir. Daniel.

Ricardo colocou o telegrama sob o abajur da sala.

- Muito bem. Agora é minha vez - falei afastando-me para o meu quarto, a fim de juntar mais um selo à minha coleção filatélica.

Enquanto isso, Ricardo lia a carta, agora, silenciosamente. Mas interrompeu a leitura para dizer-me que sairia em seguida.

Acomodei-me. Liguei meu computador, teclei a informação e aguardei:

Selo de nº 2000

Origem: Vaticano

Data de emissão: set. - 1974

Valor postal: 30 cts. de Lira

Tema: Galileu Galilei.

E logo a seguir apareceu a palavra: **PARABÉNS!**

Dei um pulo de alegria. - Bravo! - gritei. E corri para o terraço. - Ganhei! Ganhei!...

Eu estava alegre porque Rafael havia apostado comigo um jantar para cinco pessoas, como terminaria sua tela antes que eu completasse dois mil selos. Aliás, ganhar um simples jantar, podia-se dizer, era um fato banal; mas não o seria o fato de completar dois milhares de selos.

- Rafael está no Golf's! - exclamou alguém.

Procurei ver quem era espiando por entre as árvores do jardim. Avistei Diná e Alessandra tomando banho de sol à beira da piscina privativa da residência que ocupávamos. Dei meia volta e fui vestir-me com roupas de banho. Ricardo não estava mais na sala. Retornei ao terraço metido num robe de chambre.

As duas garotas estavam ainda deitadas nas espreguiçadeiras. Diná Corsini usava um biquíni de estampas florais, e Alessandra, um modelo enroladinho, de cores quentes.

A princípio pensei em dar-lhes um pequeno susto, todavia decidi não fazê-lo.

Esgueirei-me pelo lado contrário da piscina, atirei meu robe de chambre para cima de uma espreguiçadeira e mergulhei. Ao sair da água, estava aos pés de Alessandra. Agarrei-me à borda lateral, enquanto falava:

- Senhoritas, é hoje!

- O quê? - perguntaram-me.

- Ora! Não lembram? O jantar!... Ganhei a aposta: dois mil selos. Vamos comemorar no...

- No Coliseu! - completou Diná.

- Isso mesmo! - confirmei. - Rafael vai ter uma agradável surpresa. Coliseu é um ótimo restaurante.

- Quer dizer que vamos ter uma noitada legal?! - comentou Alessandra.

A água da piscina estava relativamente quente, aquecida que fora pelo sol da tarde.

-Vamos cair na água? - convidei.

- Acho bom. Aproveitemos enquanto há sol - falou Diná.

E lá fomos nós, para um mergulho em série. Nadamos o bastante para sair em tempo de apreciar o por do Sol.

Saindo da água, vesti novamente meu robe e caminhei para perto de Alessandra. Postei-me de pé, junto dela, e passamos a contemplar o sol esmaecido, enquanto o céu se coloria e descoloria rapidamente; e a brisa soprava seu frescor brandamente, e punha em desalinho nossos cabelos.

Diná recolheu-se. Alessandra e eu ficamos. Chamei meu amigo que nos acompanhava durante aquela temporada na universidade.

- Giancarlo?!

- Ele é um ótimo sujeito - comentou Alessandra que o conhecia desde a sua terra natal.

- Ele é meu conselheiro. - segredei-lhe.

- Ah é?! Que bom! Ele é inteligente e muito prestimoso.

Giancarlo, que viera de Pieve di Cadore, cidadezinha italiana - terra natal do grande mestre da pintura Ticiano Vicellio - juntamente com a família Novara, apareceu imediatamente.

- Chamou, Dr. Leonardo?

Embora não tivesse ainda nem colado grau, meus colegas atribuíram-me, por antecipação, o Dr., coisa um tanto engraçada e estranha ao mesmo tempo. No gostava disso, pois sempre achei que Doutor é título exclusivo de quem conclui curso de Doutorado. Mas há quem use isso por mera brincadeira; era nosso caso. Por isso não liguei muito...

- Por favor, localize Rafael. Diga-lhe que temos um compromisso à noite.

Giancarlo retirou-se.

- Sabe - disse então, voltando-me para Alessandra: - quando eu era menino, seis, sete anos, sentia medo desta hora – era hora do lusco fusco. E o meu medo continuava a aumentar até que eu fosse para a cama e adormecesse. Queria sempre estar perto de alguém. E rezava para livrar-me daquela fobia diabólica e ameaçadora.

Exatamente naquele momento soou um sino, ao longe, anunciando o Angelus. Era hora da Ave-Maria.

- Hoje - continuei - posso afirmar que já não sinto medo, mas sim admiração por esta hora em que todos se recolhem, e buscam reflexão.

- Leonardo, nada de melancolia, agora, é! - advertiu-me Alessandra. - Vamos! É melhor entrarmos. Não podemos esquecer que à noite temos um compromisso, é! Lembra?

- Oh , sim, vamos!

Recolhemo-nos.

As sombras da noite começavam a espelhar o seu manto negro pela paisagem circundante. O céu trocava sua túnica de cores quentes, por uma de cores frias. O vento soprava mais forte.

"Retesando os músculos de fera, o corpo glabro a descoberto, selvagem és quando te despes."

OLGA SALVARI - Magma.

II

Enquanto me secava, no banheiro, após tomar uma ducha rápida, olhava-me no espelho: um Hércules; másculo, espadaúdo, músculos em alto relevo. Lembrei-me das belas esculturas de Fídias, o grego; e das de Michelângelo, o florentino, enfim, todo o panteão dos grandes deuses mortais da escultura greco-romana. Todos aqueles mestres desfilavam engalanados, na minha memória, exibindo alegoricamente sua obras primas: Zeus de Olímpia, Davi, o Discóbolo, Apólo de Belvedere...

Sacudi a cabeça para sair daquele entorpecimento e comecei a vestir-me.

Pelo espelho refletia-se um pôster de uma mulher completamente nua. Fora Rafael que o colocara lá, dias antes.

Caí novamente no devaneio, desta vez por causa da figura do pôster, que me parecia não mais ser uma mulher

anônima, mas sim, Alessandra. Aquele corpo cintura-fina, escultural.... Lembrei-me de Vênus[5], a Deusa do Amor, um filme que assistira. Numa determinada cena, a Deusa aparecia correndo no meio de um trigal dourado, com uma leveza sobrenatural. Os cabelos esvoaçantes. Sensacional!

...E a mortificação da carne impulsionou-me para um desejo mórbido de possuí-la. Estava sedento de amor. Contudo, nem eu mesmo tinha ideia de como agir. E saber que na semana seguinte partiríamos todos daquela convivência agradável; era final do curso e todos nós regressaríamos, dispersando-nos: cada um para sua terra natal.

Permaneci estático. Meu lábio inferior tremia. Comecei a transpirar. Meu peito arfava. Por um momento pensei que estivesse surtando. Procurei acalmar-me.

Lembrei-me de uma frase de um amigo meu: "**In petto il cuore piange**"[6]. Uma sentença verdadeiramente aplicável para aquele momento.

Um barulho na direção da entrada da casa fez-me voltar à consciência. E, num gesto automático, citei Horácio: **"Est**

---

[5]Vênus de Milos: obra-prima anônima de escultura grega.
[6]In petto il cuore piange: do Italiano: No peito o coração chora (tradução livre).

modus in rebus"[7]. E foi pensando assim que dominei aquele impulso mórbido que estava a tomar-me de assalto.

Apressei-me em sair.

Quando cheguei à sala de estar, encontrei Rafael com a mochila ainda às costas, e, nas mãos, uma tela fresquinha, tentando explicar ao Ricardo e à Diná a composição da mesma: uma mulher nua, banhando-se num chafariz, cujo reservatório estava praticamente tomado por nenúfares; algumas estátuas à volta, ciprestes ao fundo, e um homem elegantemente trajado, recostado a um banco a observá-la.

- Ora, viva! Onde estiveste metido?

- Não é lindo? - indagou-me sem responder-me.

- Maravilha! Que inspiração, heim? Disseram-me que estavas no Golf's.

- Hum, hum! É um lugar bastante sossegado para um pintor. Toma. Esta tela é sua. É um presente que faço.

- Minha?! Oh, mas que bonomia!...

- Vamos, toma! - insistiu.

- Bem... sendo assim... fico muitíssimo agradecido. Vou colocá-lo num lugar de destaque em minha galeria. Aliás,

[7]Est modus in rebus: do Latim: Tudo deve ser feito com medida, nem mais nem menos.

falando nisso, assim que terminar meu curso vou recomeçar a pintar. Por ora receio dizer-lhe que...

- ...que você demorou algumas horas a mais - interveio Alessandra - e perdeste a aposta. Há poucas horas, com um exemplar do Vaticano, Leonardo completou dois mil selos.

- Não faz mal. O que importa é que terminei o que considero ser a minha obra-prima.

-Realmente. Pode-se dizer que é mesmo - falou Diná.

- Quando vai ser? - perguntou.

- Hoje - respondi.

- Pois então não tenham pressa. Vou tomar meu banho.

- Que tal pegarmos uma danceteria depois do jantar? - sugeriu Alessandra.

-Ótimo programa! - emendou Rafael ao afastar-se.

- Eu guardo a mochila - falou Diná, adiantando-se.

- E eu cuido da tela - completou Alessandra com sua voz macia, aveludada.

Permanecemos na sala a conversar sobre nossos cursos, enquanto esperávamos por Rafael.

- Sem essa de falsa modéstia... Nós somos um grupo muito aplicado - continuou Diná. - Acho difícil encontrar, hoje, essa gana pelo saber, na classe estudantil.

- Isso é verdade. Não obstante, ainda haja quem lute por seus ideais - interveio Ricardo.

- E para alguns os ideais resumem-se na beleza física, enquanto outros, buscam a sabedoria, numa visão holística do ser humano - emendou Alessandra.

- Pode explicar melhor essa teoria - perguntei-lhe.

- É claro que sim. O povo é quem diz: Certas pessoas preocuparem-se mais com suas formas físicas, com a aparência. Por outro lado, há os que buscam compensação – até por não terem aparência muito bonita, segundo os padrões Greco-romanos, e procuram ser belas por dentro, isto é, lapidando sua inteligência a ponto de fazê-la brilhar intensamente. E a definição, portanto, de um ou de outro aspecto, provoca o encanto aos olhos ou aos ouvidos.

- Pois, eu, admiro sobremaneira, as pessoas que conseguem conciliar as duas coisas. A busca da essência humana deve ser uma preocupação constante, e deve ser direcionada em todos os sentidos - comentou Ricardo.

- Bravo! - concordei. - É um raciocínio muito lógico.

Rafael acabara de tomar seu banho.

Encerramos nossa conversa. E, em dez minutos estávamos prontos para sair. Diná vestia um modelo bem

decotado, seda-metálico, e ostentava um cintilante conjunto de joias a ouro e coral; Alessandra exibia um modelo dourado, com joias de ouro e esmeralda. Rafael, Ricardo e eu vestíamos terno e gravata.

- Opa! De black-tie! - exclamou Diná.

- Black-tie? - indaguei com certa malícia, já prevendo o que ela iria responder-me.

- É!... Assim os americanos denominam esse traje.

- Os americanos, não! Diga, os ianques!

- Está bem! Deixa isso pra lá. Vocês estão formosos - completou.

- Obrigado! - exclamei enfaticamente.

Diná embarcou no carro de Ricardo. Alessandra e eu embarcamos no de Rafael.

- Por que não arranja uma garota? - indagou-me Rafael.

- Talvez porque não me tenha interessado.

- Mas pretende casar-se, não? - perguntou-me Alessandra.

- Um dia, quando encontrar uma pretendente linda e de inteligência aguçada. Mas, sobretudo, que saiba dar valor às artes; a todas as formas de expressão humana, inclusive à filatelia.

Rafael estacionou o carro em frente ao Restaurante Coliseu.

Ao entrar, logo notamos um aceno de Ricardo. Discretamente conversamos com um recepcionista e dirigimo-nos à mesa onde estavam nossos amigos.

A casa era acolhedora. Seu estilo florentino concedia-lhe uma sobriedade notável. A eficiência e o bom atendimento eram as regras da casa.

- Às suas ordens - disse um garção ao aproximar-se. E passou-nos o cardápio.

Examinamo-lo e escolhemos.

- Filé de vitelo flambado, está bom? - perguntei-lhes.

- Ótimo! - concordou Rafael.

- E como sobremesa, sorvete de morango ao chantily. - emendou Diná.

Devolvemos o cardápio, porquanto o garção nos falava:

- O **couvert**[8] sairá em cinco minutos. E qual a bebida?

- Liebfraumilch: blanc de blancs - respondi. E, virando-me para os colegas, comentei: - É um excelente vinho. Em breve, nós, brasileiros, estaremos competindo em igualdade

[8] Couvert: do Francês: antepasto servido à refeição principal.

com os vinhos portenhos, os maipenses chilenos, os bordeauxes franceses.

- Você me surpreende continuamente - interrompeu-me Alessandra. - Pensei que não entendesse no assunto.

- Nós todos estamos surpresos - corrigiu Diná.

- Desde pequeno, sempre interessei-me por este líquido espiritual. Entendo o suficiente para distinguir um **brut** de um **fruit**[9]. Não sou nenhum enólogo, apenas um enófilo.

Descompromissadamente conversávamos, enquanto ouvíamos uma bela **canzonetta** italiana. E, entre as pessoas que entravam e saiam, chamou-me à atenção um sujeito alto ruivo, cabelos lisos, óculos escuros... Era encorpado: oitenta quilos, mais ou menos.

Dirigiu-se ao copeiro, e, como estava a pouca distância, pude ouvir o que falou:

- Quiero una ficha telefônica.

Percebi o sotaque. "- Aquele gringo..." - pensei, enquanto ele se retirava.

O garção aproximou-se. Serviu o couvert: copa, queijo e azeitonas.

---

[9] Brut e fruit: referência aos vinhos ácidos e frutados.

Enquanto o garção se afastava, observei o gringo entrar numa cabina telefônica que podia ser vista pela janela do restaurante, para onde havia-se dirigido.

Logo depois, saiu e retornou ao restaurante. Um garção acompanhou-o até o lado aposto da sala.

Outros dois homens, neste momento, adentraram o restaurante: um de estatura mediana, tez escura; o outro, um pouco mais alto. Um sem, o outro com bigodes abastados. Dirigiram-se à mesa do gringo após terem passeado os olhos rapidamente pelo ambiente. Houve breves cumprimentos. Sentaram-se. Conversavam em baixo tom de voz.

- Por que te preocupas tanto com eles? - interrogou-me Alessandra. - Afinal, a noite é toda nossa!

- Deixa de besteira! - completou Diná

- Está bem, eu prometo.

Ao dizer isso olhei novamente para o grupo. Um deles estava a olhar-nos atentamente. Quando nos cruzamos no olhar, baixou a cabeça e pôs-se a falar baixinho com os demais. Um garção serviu-os.

Ficamos conversando, enquanto esperávamos que nos servissem o prato escolhido.

- Flambagem é a minha especialidade - exclamei.

- E mesmo?! - exclamou Diná.

- Fica uma delícia, se bem preparado.

- Pois isso vem confirmar nossa surpresa - atalhou Ricardo. - E todo esse tempo, que ficamos juntos... Mas ainda há tempo... - emendou.

- Amanhã - propôs Rafael.

- Amanhã - concordaram Diná e Alessandra.

- Posso pensar no caso - respondi.

Um garção aproximou-se e serviu-nos.

- Hummmm!... Está uma delícia - exclamou Ricardo ao levar a primeira garfada à boca.

Fomos interrompidos pelo mesmo garção que nos atendera antes. Apresentou-nos escusas por não poder servir-nos Liebfraumilch, pois a marca estava esgotada.

- Chateou Lacave, serve? - perguntou.

- Ótimo! - respondi-lhe.

- É do nosso **cabinet**[10]. Para fregueses especiais - comentou. E retirou-se.

Retornou em seguida com uma garrafa numa bandeja que sustentava com mão enluvada. Desarrolhou-a. Serviu a

[10] Cabinet: reserva especial da casa.

todos, sem fazê-lo borbulhar nas taças cristalinas. Colocou a garrafa em cima da mesa. Retomou a bandeja e retirou-se, posicionando-se a distância.

Rafael tomou a garrafa. Olhou o rótulo - nele figurava uma monumental cantina, o que emprestava o nome ao vinho, por sinal, a única das Américas ao estilo das adegas-castelo europeias, um autêntico castelo medieval em terras caxienses. E leu:

- Chateou Lacave: Fino Vinho Branco; Blanc de Blancs. Elaborado com uvas Riesling, Sauvignon blanc e Semillon. Engarrafado no castelo: l980. - e completou: - Isto deve ser um verdadeiro elixir.

Taças cheias nas mãos, brindamos.

- Saúde - exclamei.

- **Alla tàvola non si invecchia!**[11] - emendou Alessandra.

As taças tilintaram: plim-plim!

No final do jantar, foi-nos servido a sobremesa.

- Eu dispenso isso - falou Diná que se achava satisfeita.

---

[11] Alla tàvola non si invecchia: Em boa mesa (mesa farta), não se envelhece. (Tradução livre).

- Pois eu não - retrucou Rafael. - Um jantar tem que ser completo. Mais vinho! Está bom demais - disse, despejando mais bebida em seu copo.

O vinho era realmente de um inigualável frescor, e de um intenso aroma frutal que aveludava o paladar. Estava convidativo, porém, limitamo-nos a beber somente mais um pouco.

Terminado o jantar, levantamo-nos para sair, e nisso damo-nos conta: o gringo e seus companheiros já haviam saído. Não ligamos para o fato. Rafael pagou a conta e saímos.

No interlúnio, as estrelas estavam bem visíveis. Constelações inteiras a refulgir num pisca-pisca intermitente. Um fulgor indescritível.

Devaneando, imaginei-me sob um poderoso radiotelescópio a esquadrinhar o espaço, observando astros e asteróides; estrelas e planetas... cheguei, por um momento, a sentir a emoção que sucederia o instante após o ajuste do canhão, de poderosíssima lente, em direção a uma supernova, uma gigante avermelhada, um ninho de estrelas em formação...

- É deslumbrante! - observou Alessandra.

- É misterioso! - completei.